

PEDAGOGIA CULTURAL E LITERATURA: INTERMEDIÇÕES POSSÍVEIS

CULTURAL PEDAGOGY AND LITERATURE: POSSIBLE INTERMEDIARIES

Eliza Alves Landin ¹
Débora Cristina Santos e Silva ²

Resumo: Este artigo teve objetivo refletir a respeito de algumas relações existentes e permeáveis entre a Pedagogia Cultural e a Literatura, a partir da perspectiva de que ambos os campos de estudo colaboram para a reflexão do processo formativo do ser humano, enquanto indivíduos construtores de suas identidades, capazes de reconhecer a si e ao outro e com condições de transformar a sua realidade. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, baseada em estudiosos da área, como Freire (1995,1997,2004), Giroux (1995, 1997, 2004), Candido (1999), Ellsworth (2005), Cosson (2016) e outros. É possível compreender a existência de relações de ensino e aprendizagem em diferentes nichos sociais, regulados pela Pedagogia Cultural que, assim como a Literatura, preocupa-se com a inserção de todos no processo de ensino e aprendizagem e na formação de indivíduos que configurem concepções a respeito de sua existência, de sua própria história e de suas ressignificações, enquanto seres identitários.

Palavras-chave: Pedagogia Cultural. Literatura. Identidade. Formação do Sujeito.

Abstract: This article aimed to reflect on some existing and permeable relationships between Cultural Pedagogy and Literature, from the perspective that both fields of study collaborate to reflect on the formative process of the human being, as individuals who build their identities, capable of recognizing themselves and others and capable of transforming their reality. A bibliographic research was carried out, with a qualitative approach, based on scholars in the area, such as Freire (1995,1997,2004), Giroux (1995, 1997, 2004), Candido (1999), Ellsworth (2005), Cosson (2016) and others. It is possible to understand the existence of teaching and learning relationships in different social niches, regulated by Cultural Pedagogy which, like Literature, is concerned with the insertion of everyone in the teaching and learning process and in the formation of individuals who configure conceptions about their existence, their own history and their resignifications, as identity beings.

Keywords: Cultural Pedagogy. Literature. Identity. Subject Formation.

-
- ¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis (CCSEH). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6613122010641858>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7671-7743>
E-mail: prof.elizalandin@gmail.com
 - ² Pós-doutora em Literatura e Hiperâmia (Universidade Fernando Pessoa /Porto-Portugal) e em Arte e Cultura Visual (PPG-AC-UFG). Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8161644325166070>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2175-4018>. E-mail: deboraphd@gmail.com

Introdução

A relação entre Cultura e Literatura é algo que vem se consolidando ao longo do tempo no âmbito da pesquisa acadêmica e da docência. Entre as intermediações possíveis, podemos apontar a relação entre Pedagogia Cultural e Literatura, uma vez que o exercício de uma pedagogia que contemple as diferentes culturas individuais e a herança literária dos sujeitos se reafirma cada vez mais.

Efetivamente, é inquestionável que a cultura está presente nas salas de aula, sentada nas carteiras, bem ao lado dos discentes, ministrando conteúdos curriculares e acrescentando saberes aos estudantes, professores e a todos os que participam do processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, não seria destoar da realidade afirmar que a cultura e a literatura são indissociáveis nas instituições de ensino e que permanecem lado a lado, com a finalidade de oferecer “chão onde todo esse processo acontece” (MARTINS; TOURINHO, 2014).

Por seu lado, a Pedagogia Cultural traz consigo o intento de despertar consciências, tendo em vista que ela enfatiza o processo de aprendizagem, independente do lugar onde se localizam os recursos para que aconteça esse processo que os indivíduos dispõem para interagir. Ela surge como meio de aproximação que problematiza o trabalho, a aprendizagem institucional, os modos de transformação dessa prática, além da inovação no uso de meios culturais como ferramentas pedagógicas.

Por acontecer em lugares onde o processo de aprendizagem se dá de maneira espontânea, sem permitir nenhum tipo de distinção, a Pedagogia Cultural oportuniza ao sujeito/aluno participar de uma comunidade, desfrutar de uma formação mais humana, igualitária, gerar automaticamente uma consciência crítica, em que se constrói a identidade, com o intuito de reconhecer a si e ao outro, reconhecer o contexto que ocupa, o seu papel neste contexto, as possibilidades de transformar o seu espaço por meio das escolhas que realiza.

É neste sentido que o campo da Pedagogia Cultural permeabiliza o ensino da Literatura, pois ambos possuem o mesmo propósito de formar de maneira mais humana, incluindo a todos nesse processo de formação autônoma, identitária e consciente, como afirmava Chlovski (1976, p. 61): “a literatura produz no leitor um estranhamento diante da sua realidade, como se tudo que este visse fosse pela primeira vez, sob uma nova perspectiva”.

A Literatura tem o papel de levar o ser humano a encontrar o senso de si mesmo e da comunidade a qual pertence, incorporando conhecimentos do outro sem abandonar o seu próprio conhecimento e isto só é possível porque ela é atemporal, guarda em si “o presente, o pretérito e até mesmo o futuro” (COSSON, 2016, p. 17), o que a torna capaz de passar por várias transformações discursivas.

Por conseguinte, o objetivo deste artigo é trazer reflexões a respeito das possíveis interações entre a Pedagogia Cultural e a Literatura, levanto em conta que ambos os campos de estudo colaboram para o processo formativo do ser humano enquanto construtor de sua identidade, capaz de reconhecer a si e ao outro e com condições de transformar a realidade em que vive.

Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo-se de material científico que permite um contato direto com o assunto abordado, tendo a preocupação de verificar a veracidade, as coerências e incoerências que as obras podem apresentar (GIL, 2002).

A pesquisa privilegia também a abordagem qualitativa que, para Bortoni-Ricardo (2008), é uma ferramenta propícia para se compreender a fala do outro e uma maneira de identificar processos cotidianos, com o intuito de entender a realidade do ser humano, suas dificuldades, atitudes e comportamentos. Relaciona-se com fenômenos inseridos em diferentes contextos, cuja preocupação é desvendar o cotidiano deste ambiente e os seus processos que ainda se encontram sem resposta.

Para o embasamento teórico, recorreremos aos escritos de Freire (1995, 1997, 2004), Giroux (1995, 1997, 2004), Candido (1999), Ellsworth (2005), Cosson (2016) e outros teóricos que surgiram ao longo desse estudo.

Desta forma, buscamos conceituar o que é Pedagogia Cultural, salientando a sua

importância, quanto à construção de identidade e o reconhecimento do eu no contexto que ocupa. Refletimos a respeito do ensino de Literatura e o seu papel transformador e, finalmente, ressaltamos os objetivos que permeiam os campos de estudo entre Pedagogia Cultural e Ensino de Literatura. Dessa forma, enfatizamos a questão da formação do indivíduo, enquanto ser humano em busca da sua identidade, utilizando estes saberes como ferramenta para que esta aprendizagem aconteça.

Com efeito, a aprendizagem deve acontecer em situações educativas que façam sentido, com a finalidade de propiciar aos discentes a oportunidade de criarem expectativas a respeito do que realmente desejam ser, enquanto requisito identitário e dos seus interesses imediatos. Assim, a existência de si e do outro deve ser pensada a cada instante.

Pedagogia Cultural: uma sociedade pedagogizada

A educação tem deixado de se restringir aos limites das escolas e Universidades, difundindo-se por vastos e complexos cenários culturais, em locais onde o ensino pode influenciar as pessoas de maneira singular, ou seja, em situações pedagógicas, em que estas são compreendidas para além do sistema educativo e da simples transmissão do saber. Candau (2012) ressalta que se trata de um processo e de uma prática sociopolítica produtiva e transformadora, alicerçada nas realidades, subjetividade e na busca por uma identidade.

O ato pedagógico em si acontece de maneira imprevisível, é uma funcionalidade em suspensão. Já a aprendizagem é constante, acontece em espaços imprevisíveis, sem planificação, de maneiras múltiplas (MARTINS; TOURINHO, 2014). Assim, é possível compreender que os espaços sociais são meios que permitem a pedagogização, sem maiores planificações e que extrapolam os muros das instituições escolares.

Ao se projetar tais espaços, tem-se a intenção de levar a caminhos processuais educativos, que instigam e possibilitem a aprendizagem. A esta metodologia que utiliza diversos espaços educativos denomina-se de Pedagogia Cultural. Por meio desta, os conteúdos formativos não são utilizados de maneira tradicional dentro da pedagogia, mas por canais de comunicação em massa, buscando instaurar valores éticos nos indivíduos, principalmente naqueles que são discentes (MARTINS; TOURINHO, 2014).

Para Ellsworth (2005), certos lugares são pedagógicos, pois colocam em evidência as relações exteriores e interiores que o indivíduo corporifica consigo mesmo a partir de interações realizadas. Nestes lugares, o aprendizado acontece constantemente, pois o encontro com diferentes realidades traz o contato com o eu e com o outro, o que proporciona construções identitárias, confluem trocas, dá lugar à produtores e receptores, autores e colaboradores, misturam-se posturas, saberes e disciplinas.

Os lugares de aprendizagem podem ser percebidos por diversas práticas, que acontecem tanto de maneira individual, como de maneira coletiva, em diferentes realidades de interação. A experiência é indispensável para compreender os processos pedagógicos desenvolvidos em lugares em que os processos de aprendizagem são constituídos (ELLSWORTH, 2005), e uma gama de atividades, contextos, relações sociais diversificadas são utilizadas nas mais variadas formas.

É uma forma de dar vida a uma prática de ensino e aprendizagem que possibilite a transformação das condições ideológicas em práticas sociais, proporcionando ao indivíduo uma formação que experimente autonomia, ou seja, a Pedagogia Cultural vai além do que se considera popular, pois se trata de “um conjunto de conteúdos formativos que não são gerenciados pelo padrão de educação formal” (AGUIRRE, 2009, p. 165).

O termo Pedagogia Cultural remarca mais a dimensão da prática cultural ou artística como meio pedagógico (MARTINS; TOURINHO, 2014). É usado como aproximações que problematizam o trabalho, o processo de aprendizagem institucional, os modos de transformação dessa prática, além da inovação no uso de meios culturais como ferramentas pedagógicas, que permitem ampliar a compreensão sobre o contexto social e cultural do indivíduo, e conseqüentemente, este desenvolve uma gama de estratégia sobre o senso de resistência e transformação.

Para Freire (2007, p. 69), “as experiências relacionadas ao sujeito e práticas autônomas não devem se restringir somente ao espaço da escola, mas ocupar todos os espaços contextuais do

sujeito”. Nesse sentido, por meio da Pedagogia Cultural é possível ter a consciência de onde, como e por que se aprende, tendo em vista que essa enfatiza o processo de aprendizagem, independente do lugar onde se esteja, dos recursos que se dispõe e das pessoas com as quais se interage.

A Pedagogias Cultural engloba não apenas produtos, imagens e artefatos consumíveis, mas principalmente práticas de produção que podem ser visuais, narrativas, poéticas, popular e várias outras que surgem da relação de igualdade por meio de estratégias paralelas, uma vez que se trata de “uma forma de produzir conhecimento, identidade e valores” (AGUIRRE, 2009, p. 250).

No mesmo viés de Aguirre (2009), Kincheloe e Steinberg (1997) enfatizam sobre um tipo de currículo, cujas pedagogias culturais influenciam e formam identidades, produzindo formas de conhecimento. A partir disto, o fazer pedagógico escolar também começa a colaborar na construção de tais identidades, ou seja, a pedagogia quando tida como prática cultural, desempenha um papel norteador, que vai de contestar, recompor, reconstruir e até engajar-se.

Segundo Giroux (2004), a noção de Pedagogia Cultural pretende estabelecer relações e estender olhares, de maneira que o pedagógico possa chegar a ser uma informação constitutiva de uma cultura política democrática, que vincule as identidades. Tais relações estabelecem que os espaços pedagógicos podem (re)construir vozes, permitindo assim, às pessoas tomarem consciência de si, do papel que exercem e “tratar os alunos como portadores de memórias sociais, com o direito de fala e se representar na busca pelo aprendizado e autodeterminação” (GIROUX, 1995, p. 85).

Candau (2012) percebe na Pedagogia Cultural o fortalecimento de identidades dinâmicas, abertas e plurais, com uma visão essencializada, que potencializa o processo de ensino e aprendizagem, incluindo a todos nesse processo e colaborando com a construção da autoestima do indivíduo, assim como estimulando os processos de construção da autonomia num cenário social, onde seja possíveis relações mais igualitárias. Os conhecimentos são produções dos diferentes grupos socioculturais, que devem ser compartilhados cotidianamente para a construção de visões de mundo numa sociedade que oferece espaços de pedagogização.

Um fator importante na Pedagogia Cultural é a afirmação dos processos educativos de maneira democrática, uma vez que se trata de um método que fortalece àqueles que foram deixados de lado e que são novamente orientados a participar da reconstrução das relações sociais, por meio da ocupação de lugares pedagógicos, onde possuem seu lugar de aprendizagem, reconhecem seu potencial e sua importância identitária (CANDAU, 2012). Em seu papel pedagógico, ocupa-se constantemente em questionar a respeito das diferentes maneiras de ser, viver e buscar o desenvolvimento e a criação de condições que articulem a dignidade, a igualdade e o respeito.

A formação do ser humano exige um engajamento da ação transformadora, que prepare os homens no plano da ação para a luta contra os obstáculos que serão enfrentados cotidianamente. Para tanto, “a conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação – reflexão” (FREIRE, 1979, p.15). Isto constitui o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.

A Pedagogia Cultural pode colaborar com a luta a favor do conhecimento, das habilidades e das relações sociais, que promovem as condições para as relações sociais (GIROUX, 1997) e, portanto, para a formação do indivíduo enquanto ser social, com capacidade subjetiva crítica de representar a si mesmo no contexto em que atua, conseqüentemente, tomando suas próprias decisões.

De acordo com Streck, Redin e Zitzsoki (2010, p. 98), o indivíduo deve ser capaz de

[...] realizar uma leitura de mundo que lhes permita compreender e denunciar a realidade opressora e anunciar a sua superação, com a construção de um novo projeto de sociedade e mundo a ser efetivado pela ação política.

Diante disso, é possível compreender que a Pedagogia Cultural leva a reflexão crítica por meio de ações que acontecem em locais sociais, que inclui a todos na intenção de agregar valores, trocas de experiências, levantar reflexões, promover situações críticas que desperte o entusiasmo pela luta de conquistar seus direitos pela superação das injustiças sociais, “na busca pela humanização da própria vida” (STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2010, p. 13).

Martins e Tourinho (2014) afirmam que ninguém fica de fora do processo de ensino e

aprendizagem, mediado pela Pedagogia Cultural. Todos são integrados, gerando cooperação, possibilitando que a diversidade seja valorizada e acessível, uma vez que os discentes (des) aprendem uns com os outros, de maneira a explorar a cultura, (des)construir conceitos, transgredir, (re)conceituar, enfrentar oposições e resistências para compreender as relações contextuais que o cerca e que o constitui enquanto ser humano.

A respeito de (des)aprender, Fresquet (2007, p. 49) assinala que

Desaprender é algo mais que aprender coisas opostas sobre um mesmo tema, assunto, valor, questão da vida. Desaprender pode até indicar, erradamente, a ideia de esquecer o aprendido. Porém, o seu significado e intenção é exatamente o contrário. Tal é a força da irreversibilidade da aprendizagem, que desaprender significa fundamentalmente lembrar as coisas aprendidas que querem ser desaprendidas. Desaprender é aprender a não querê-la mais para si; a não outorgar mais o estatuto de verdade, de sentido ou de interesse. Verdade aprendida com outros, desde sempre, adquire valor de inquestionável. Desaprender é animar-se a questionar tais verdades. Desaprender é, também, fazer o esforço de conscientizar todo o vivido na contramão, evocando o impacto histórico e emocional que teve aquela aprendizagem que hoje deseja ser modificada.

A pedagogia se torna um espaço em que os discentes podem compartilhar, desafiar, perceber, analisar, recriar de maneira crítica, suas preferências e seus significados, atribuindo suas experiências diárias com práticas que garantam a busca de sua identidade e o seu reconhecimento no contexto que ocupam, configurando assim a sua formação enquanto ser humano.

A Pedagogia Cultural tem a capacidade de colaborar com a formação humana do indivíduo, subsidiando ações de participação e promovendo a partilha de saberes por meio de diálogos distintos e identitários, o que se configura como um caminho para que o processo de ensino e aprendizagem possa ter um olhar de alteridade, com importante referência nos processos formativos.

Repensar o papel das pedagogias, seus limites (se é que há) e suas políticas é uma tarefa comum e necessária quando se leva em conta a capacidade de transformação da Pedagogia Cultural com novos espaços para a construção do ser e para a elaboração da cidadania enquanto este mesmo ser.

Breve histórico da Pedagogia Cultural

Há aproximadamente 20 anos, começou a circular entre o meio acadêmico o termo Pedagogia Cultural e, num rápido espaço de tempo, os estudos culturais em educação tornaram-se ferramenta amplamente utilizada nas pesquisas desse novo campo de prática.

Albuquerque-Júnior (2007) afirma que não somente os historiadores se interessaram pelo assunto, mas nas últimas três décadas, a temática passou a ser pesquisada por cientistas sociais, filósofos, pedagogos, psicólogos, entre outros especialistas, preocupados em compreender as expressivas mudanças paradigmáticas no conceito de Pedagogia Cultural e o reflexo disso no processo de ensino e aprendizagem.

Houve a pluralização do conceito de pedagogia, postura que se tornou condição importante para a compreensão dos estudos em Pedagogia Cultural. Nesse sentido, Ellsworth (2005) não apresentava nenhuma preocupação em denominar, derivar ou até em adjetivar a pedagogia em si, porém Giroux (1999), por sua vez, considerou conceituar este campo de estudo e fez reverberar tais conceitos posteriormente. Neste cenário, tornou-se indiscutível a contribuições deste autor.

Alexander (2005, p. 7) comenta que

Pedagogias entendidas de maneira múltipla: como algo dado e revelado; que faz abrir caminho, transpassar, interromper,

deslocar e inverter práticas e conceitos herdados, estas metodologias psíquicas, analíticas e organizacionais que usamos para saber o que cremos que sabemos, para tornar possível conversas e solidariedades diferentes; como projeto tanto epistêmico como ontológico ligado a nosso ser e, portanto, aliado à formulação que fez Freire da pedagogia como metodologia imprescindível. Pedagogias que convocam conhecimentos subordinados, produzidos no contexto de práticas de marginalização, para poder desestabilizar as práticas existentes de saber e assim cruzar os limites fictícios de exclusão e marginalização.

Giroux (1999) ampliou o conceito de Pedagogia Cultural, assegurando que esta pode se dar em vários lugares e não apenas nas escolas e Universidades. Dessa forma, o autor pluraliza o conceito das ações pedagógicas e salienta o quanto os estudos culturais são importantes para a educação e para a pedagogia.

Para Giroux (1999), o novo trabalho em pedagogia

[...] tem sido encarado como uma forma de produção política e cultural profundamente envolvida na construção do conhecimento, subjetividades e relações sociais. Distanciando-se da pedagogia como prática fora do contexto histórico e não teórica, vários trabalhadores culturais têm cada vez mais tentado utilizar a prática pedagógica como uma forma de política cultural. Tanto dentro quanto fora da instituição acadêmica, isso tem implicado em uma preocupação com análises de produção e representação do significado e em como essas práticas e seus efeitos estão envolvidos na dinâmica do poder social.

Em 1992, o norte-americano David Trend lança seu livro: *Cultural Pedagogy: Arts, Educations, Politics*, coordenado por Giroux e Paulo Freire. Conforme afirma Albuquerque-Júnior (2007), o fato de serem estes os coordenadores da obra, já deixa claro que o assunto a ser abordado na obra é a respeito de uma pedagogia que vai para além das paredes escolares de uma educação inclusiva, cuja cultura ganha centralidade para as discussões que abordam a respeito de participação, igualdade e democracia.

Trend (1992) destaca que, desde a Segunda Guerra Mundial, há estudos que contribuem para se refletir acerca da relação entre pedagogia e cultura, como os escritos de Gramsci, divulgados somente depois de sua morte. Diante das mudanças sociais que se apresentam como processos de aprendizagem, Gramsci (1975) argumentava que toda relação hegemônica é necessariamente uma relação educativa.

No ano de 1997, Kincheloe e Steinberg, inspirados nas obras de Giroux, publicaram a obra *Kinderculture: The Corporate Construction Of Childhood*, em que o autor discute o emprego de conceitos em torno do termo Pedagogia Cultural, para a formação de crianças por meio de diversas ferramentas midiáticas, difundindo ainda mais o campo de estudo.

Assim, Albuquerque-Júnior (2007) conclui que o método de trabalho com as pedagogias culturais partiu da análise da linguagem para a cultura, destacando repetições, omissões, marginalizações e valores. Os pressupostos são de que toda sociedade possui a sua cultura e os seus valores, seus rituais e as suas experiências, que servem como ponto de partida para projetar o processo de ensino e aprendizagem.

A Construção da Identidade

Desde tempos remotos, o indivíduo se depara com determinadas e relevantes questões entendidas como “existenciais”, que abrangem tanto o nível filosófico quanto o nível prático, e atravessam um período de crise psicológica, para se chegar a uma condição, chamada por Giddens (2002) de “identitária”.

A construção da identidade é parcial e contextual, pois assume trações e padrões do comportamento do outro que são relevantes para a projeção de mecanismo do indivíduo (GIDDENS, 2002). Em outras palavras, não é algo que seja simplesmente apresentado como resultado de um sistema de ação do indivíduo, mas que deve ser criado e sustentado nas atividades reflexivas cotidianas.

A identidade é formada através de processos inconscientes ao longo do tempo e não é algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Conforme Hall (2006), ela está constantemente incompleta em processo de formação e está sujeita à história, à política, à representação e à diferença. Por ser pessoal, guarda em si mesma um efeito de certa unificação temporal entre o presente, o passado e o futuro do indivíduo.

Ao invés de perceber a identidade como algo acabado, deve-se vê-la como identificação, num processo em andamento, que surge não da plenitude da identidade que se encontra internalizada no indivíduo, mas como a falta de inteireza que é preenchida a partir do interior (HALL, 2006), ou seja, o indivíduo muda de acordo com que é abordado ou representado. A identidade não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida, portando, pode ser politizada.

Para Hall (2006), a identidade está profundamente relacionada ao processo de representação do ser, sendo o espaço e o tempo diferentes sistemas de representação sobre a forma como a identidade é localizada e representada. Com isso, é possível inferir que as identidades estão localizadas em espaço e tempo, de maneira simbólica, e os lugares permanecem fixos, mas os espaços podem ser perpassados.

Nesse mesmo sentido, Giddens (2002) destaca que a identidade do eu não é passiva, pois é determinada por influências externas que concebem a sua autoidentidade, o que contribui também para as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações. Por esse motivo, a realidade se inclui como parte da construção da identidade, não somente a realidade do aqui e do agora, mas de momento que ainda estão por acontecer e que se tornarão uma questão de experiência mediada.

A identidade pode ser compreendida de maneira reflexiva pelo próprio indivíduo, supondo-a como uma continuidade no tempo e no espaço, e interpretada pelo agente. Ser pessoa não é ser somente um ator reflexivo, mas é ter a capacidade de usar o eu/identidade em contextos diferentes.

O ensino da literatura e o indivíduo em formação

A Literatura é fundamentalmente importante para o desenvolvimento do ser humano, para a sua formação social, contemplando os mais diversificados aspectos que perpassam desde a linguagem, a sensibilidade, a emoção, até a criticidade e o exercício da reflexão, que são fundamentais para as diferentes aprendizagens. Por meio da Literatura, apropria-se de um vasto conhecimento sobre diferentes lugares, descobrem-se novos mundos de culturas e saberes, muitas vezes, sem nem mesmo se sair do lugar.

Conforme afirma Cândido (1999), a Literatura é capaz de transformar o indivíduo em um ser humano mais consciente e envolvido com o mundo, crítico, capaz de pensar por si e fazer a diferença no lugar que ocupa. Sendo uma força humanizadora, não um sistema de obras, a Literatura é algo que exprime o homem e depois atua na sua própria formação, ou seja, a Literatura reconhece o ser humano como aquele que se apropria do patrimônio literário de maneira empática.

A obra literária significa um tipo de elaboração de sugestões da personalidade e do mundo com autonomia e significado. Contudo, tal autonomia não a desliga de suas fontes inspiradoras do real e nem anula a sua capacidade de atuar sobre. Isto a torna apta a participar da formação do indivíduo, enquanto ser sociável, passível de aprendizagem, de transformação, de compartilhamento e de construção, uma vez que a “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo” (FREIRE, 2011, p. 20).

Em contato com a Literatura, o indivíduo sente-se como ser no mundo e, ao compreender-se, tem condições para observar a luta, o tempo, a história, a lembrança do passado, projetando-se na constante reconstrução (SILVA; ALVES, 2017). Nesse sentido, a Literatura deixa de ser apenas uma transmissão simbólica do conhecimento, passando a configurar-se como um processo formativo do

ser humano.

A Literatura se beneficia de uma flexibilidade que lhe permite explorar as virtudes da existência e antecipar os conhecimentos futuros, dominando, então, a arte da linguagem (JOUVE, 2012); ou seja, o autor nem sempre escreve para transmitir exatamente o conteúdo circunscrito, mas para que o leitor se sinta levado pela empatia do que lê e pelo encontro daquilo que busca.

Conforme Cosson (2016), a partir da Literatura, é possível interpretar e compreender, apropriar-se de bens culturais, relacionar a ficção com a realidade. A Literatura proporciona prazer e sensações, porque aflora a sensibilidade e a inteligência, coloca em comunhão com diferentes modos de ser e estar no mundo.

Diante disso, Davi, Rezende e Jover-Faleiros (2013) compreendem que a Literatura tem potencial para despertar no sujeito os saberes sobre si mesmo, o que remete um pensamento pessoal e julgamentos de posturas efetivas, ou seja a afirmação da subjetividade no ato da leitura. Trata-se de despertar no leitor a confiança para que ouse pensar por si só.

Para Freire (2011, p. 9), a leitura

[...] de mundo se trata de leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas que por certa forma de 'descrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

O texto literário tem papel humanizador, visto que possibilita a leitura de mundo, uma vez que oportuniza seus leitores a tornarem-se mais conscientes de si e melhor preparados para agir no contexto que os rodeiam. É um importante veículo de acesso à leitura crítica e à compreensão da realidade, na qual o indivíduo interage, e torna-se indispensável para a sua formação, ao permitir experiências e vivências diversas, fundamentais para o seu crescimento.

A Literatura deve prover da formação de um indivíduo leitor livre, responsável e crítico, com aptidão para construir de modo autônomo o sentido do texto e argumentar sua percepção (DALVI; REZENDE; JOUVER-FALEIROS, 2013). Além disso, obviamente, espera-se a formação de uma personalidade sensível, inteligente, aberta a novos conhecimentos, com aptidão para se identificar enquanto ser humano sociável, como vislumbra a Literatura.

Nesse viés, Jouve (2012) acredita que o texto literário é diverso, não completamente conceitualizado e, por isso, ilumina questões do humano, não controlando, com exatidão, o que será expresso, mas apenas determinado número de informações. Sua intenção não é, portanto, reinventar, e sim, ser constantemente atualizado e seu sentido, multiplicado.

Quando se educa literariamente, a partir das experiências transformadoras, dentro da compreensão das relações que a Literatura estabelece com a realidade social progressivamente, é possível que os indivíduos pensem e se posicionam de maneira crítica sobre textos, sistemas literários e realidades/contextos que ocupam (COSSON, 2016). Isso é crucial para a formação humanística do sujeito, enquanto aquele que irá compartilhar várias indagações e reflexões a partir de diferentes escolhas, algumas, inclusive, abertamente conflitantes entre si.

O ensino da Literatura desperta no indivíduo/aluno a reflexão sobre si mesmo, pois este passa a perceber a realidade por ele vivida como algo que pode ser elaborado, numa atitude de superação (SILVA; ALVES, 2017). Suas atitudes se potencializarão para as relações de diálogos nas mais diversas dimensões das necessidades humanas, sejam estas físicas, materiais, intelectuais, afetivas ou outras.

Para Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013), quando se ensina Literatura, é fundamental que se considere procedimentos que não sigam a aula tradicional expositiva, cujo ponto de partida não é o texto, mas informações históricas, formais e outras. É indispensável que se parta do texto literário e se realize uma leitura compartilhada entre os discentes, para que estes expressem seus pontos de vista.

A Literatura possui seus próprios elementos como a construção de personagens, a possibilidade de estimular a imaginação através da transfiguração da realidade em matéria literária, o que provoca a curiosidade do leitor e a aproximação com a leitura literária e os espaços de

formação. Segundo Dalvi, Rezendo e Jouve-Faleiros (2013), a Literatura colabora com o pensamento e o enfrentamento do indivíduo, dos seus dilemas, e problemas subjetivos, constituindo-se como base para a vivência de situações soluções.

A forma como cada docente validará a construção do conhecimento no ensino da Literatura garantirá a formação de alunos empáticos e prontos para atuarem além dos muros da escola. O ensino da Literatura deve garantir, acima de tudo, meio de construção de conhecimentos necessários para abordar os diferentes contextos que cada indivíduo poderá vivenciar (SOLÉ, 1998). É fundamental que o ensino dessa disciplina seja organizado por meio de objetivos a serem alcançados, compreendendo que há um papel a ser cumprido no âmbito escolar, que vai muito além de apenas saber datas e biografias.

A Literatura é capaz de fazer com que o leitor se sinta capaz de preencher as lacunas existentes, tantos nos textos que lê como nas situações cotidianas que vive. O processo de aquisição de conhecimento por meio do ensino da Literatura deve se dar num desenvolvimento contínuo, tendo consequentemente, o desenvolvimento humano como uma construção dinâmica.

Não se trata apenas de conhecimento codificado, mas vai muito além disto. Perpassa por vários âmbitos da vida do indivíduo, com o intuito de prepará-lo para ser capaz de fazer suas próprias escolhas, de se reconhecer e reconhecer o outro no contexto em que ocupa e transformar a sua realidade, se assim desejar.

Pedagogia Cultural e Literatura: intermediações possíveis

Como aqui já mencionado anteriormente, a Pedagogia Cultural, percebida a partir de processos pedagógicos, é tida como social e estende-se a todos aqueles espaços implicados na produção de significados. É uma maneira de ampliar a educação para além do espaço escolar, com novos pensamentos e ações em relação a si, aos outros e ao mundo. Produz compartilhamentos e configura identidades e subjetividade, o que, consequentemente, gera valores, condutas e modos de ser.

Ponderando também sobre o que já foi citado em torno da Literatura e suas convicções, é possível compreender que esta é capaz de promover no leitor uma relação de análise entre leitor, texto e realidade, tendo como foco principal a formação do próprio indivíduo e a sua experiência enquanto alguém que ocupa um determinado contexto e que é capaz de mudar a sua realidade, de acordo com as escolhas que faz e com o reconhecimento da sua própria identidade.

Nesse contexto, pode-se perceber que há intermediações possíveis entre os objetivos propostos pela Pedagogia Cultural e pela Literatura, objetivos estes que cruzam, e outras tantas vezes, andam lado a lado. Enquanto a Pedagogia Cultural busca espaços pedagógicos para a formação do indivíduo, a Literatura oferece esse mesmo espaço para que tal formação aconteça de maneira efetiva. Ambos os campos tem o intuito de promover o indivíduo na busca pela autonomia e pela inclusão, em possíveis processos sociais, que possam proporcionar a ele a vivência e transformação, evitando a marginalização e desencadeando a empatia identitária.

Segundo Cosson (2016), no ato da leitura, especificamente a literária, o leitor interpreta o texto por meio da confabulação entre o que lê e as inferências estabelecidas a partir de suas experiências, seu agrupamento cultural e social. Essas considerações favoreceram reflexões que se estruturaram na compreensão, de maneira empática, entre obra literária como produção simbólica indissociável das ações humanas e as suas relações, normas e sistema de papéis ocupados por cada indivíduo, na esfera da estrutura social. Isso posto, é possível considerar que as obras literárias são produtos culturais que concebem as condutas sociais existentes, na sua produção e interpretação.

Da mesma maneira, ocorre com as Pedagogias Culturais que, conforme Willian (1968), não buscam senão o processo de educação permanente, diferentes instituições e espaços ativos, e são profundamente implicados com práticas e experiências que visam ensinar algo ao indivíduo, relacionado a amplos processos culturais da formação humana.

Tanto a Pedagogia Cultural quanto a Literatura estão destinadas a serem instrumentos de interlocução, intermediação e interpretação social, envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Através de ambas, é possível ao indivíduo propagar histórias e conhecimentos de cultura, registrar e representar a realidade, de manifestar suas crenças, seus princípios, sentimentos

e desejos.

A Pedagogia Cultural e a Literatura oferecem a construção de uma visão crítica da sociedade e dos indivíduos, por meio da interpretação social. Por serem próprias da cultura e como formas de representação da sociedade, podem assumir características bastante diferentes de acordo com a sociedade. Portanto, fica evidente que não há como falar sobre ambas sem falar sobre a construção do indivíduo, enquanto ser humano, que convive socialmente, que possui sua identidade e direito de estar incluído no contexto que ocupa.

Considerações Finais

Ao longo da pesquisa, buscamos apresentar algumas reflexões a respeito das relações existentes entre Pedagogia Cultural e Literatura, abarcando perspectivas de ambos os campos como processo formativo do ser humano, enquanto indivíduos construtores de suas identidades, capazes de reconhecer a si e ao outro e com condições de transformar o seu contexto.

A Pedagogia Cultural tem a função de repensar os limites das pedagogias e suas práticas, perpassando por várias áreas do saber e levando em conta novos espaços de pedagogização cultural como meio de efetivar o processo de ensino e aprendizagem, com novos espaços para a cidadania, a inclusão e a humanização.

Da mesma forma, a literatura tem buscado seu espaço para além de simplesmente saber biografias e datas, como no ensino tradicional, mas priorizar a formação do indivíduo de maneira indissociável à construção de uma sociabilidade identitária que propicie a capacidade de enfrentamento da diversidade social e cultural, proporcionando o reconhecimento de si, do outro e de possíveis contextos existentes.

Diante disso, é possível afirmar que o intuito da Pedagogia Cultural, assim como da Literatura, são permeáveis, pois eles se perpassam, intermediando um ensino que problematize, que colabore com o pensamento crítico, que busque a autonomia do indivíduo/aluno, enquanto ser que constrói a sua identidade e transforma a sua realidade.

Referências

AGUIRRE, Carlos. **História das prisões no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. 3. ed. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

ALEXANDER, Jaqui. **Pedagogies of Crossing**. Meditations on Feminism, Sexual Politics, Memory, and the Sacred. 1. ed. Durham, NC: Duke, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. **Educ. Soc., Campinas**, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2021.

CÂNDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária**. São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001022230>. Acesso em: 02 nov. 2021.

CHKLÓVSKI, Victor. **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. Porto Alegre: 5. ed. Editora Globo, 1976.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: 2. ed. teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.

- DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: Media, architecture and pedagogy**. New York: Routledge, 2005.
- FREIRE, Paulo. Carlos Alberto Torres, Consciência e História. **A Práxis Educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Cortex & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Villa das Letras, 2007
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FRESQUET, Adriana. **Uma experiência de aprender com o cinema**. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.
- Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. **Currículo, Cultura e Sociedade**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GIROUX, Henry. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999
- GIROUX, Henry. **Cultural studies, public pedagogy and the responsibility of intellectuals**. London: Communication and Critical/Cultural Studies, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere**. Edizione critica dell'Istituto Gramsci, Turim: Giulio Einaudi Editori, 1975.
- Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcio-lino. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- KINCHELOE, Joe Lyons; STEINBERG, Shirley. **Mudando o multiculturalismo**. Buckingham: Open University Press, 1997.
- SILVA, Débora Cristina Santos; ALVES, Carolina Francielle. Ensino de Literatura e Artes: Uma Página em Branco: Ensino de Literatura e Artes numa Perspectiva Pós-Colonial. I **Seminário Internacional de Investigacion em Arte Y Cultura Visual**, v. 1, n. 2, Montevideo. 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/CulturaVisual_L3_150.pdf. Acesso em: 03 nov. 2021.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- MARTINS, Raimundo.; TOURINHO, Irene. **Pedagogias Culturais**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2014.
- RAYMOND, Willian. **Hot and Cool**. Penguin, 1968.
- STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TREND, Davi. **Cultural Pedagogy: Art, Education, Politics**. New York: Bergin & Garvey, 1992.

Recebido em 16 de maio de 2022.

Aceito em 22 de junho de 2022.